

Informação, um excuro crítico-filológico

Vinícios Souza de Menezes

Doutorando em Ciência da Informação IBICT/UFRJ-ECO. Bolsista do CNPq. Mestre em Ciência da Informação - PPGCI-UFBA. Especialista em Filosofia Contemporânea - Mosteiro de São Bento. Graduado em Biblioteconomia e Documentação - UFBA.

<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2074>

Trata-se de uma conversação com a virada pragmático-linguística da informação, de um excuro filosófico através de uma leitura crítica-filológica a respeito do nome informação. A variação prefixal de sentido (in-) é analisada, assim como seus direcionamentos - dar e privar a forma. A forma-ideia platônica é rediscutida a partir do olhar crítico-filológico. Ao final, assinala-se para uma infância da informação indicativa de um possível experienciar desvinculado de mentalismos e tecnicismos que se desdobram multiplamente na sociedade rotulada como informacional.

Palavras-chave: Informação; Pragmatismo; Crítica-filológica; Infância da informação.

Information, a critical-philological excursus.

This is a conversation with the pragmatic-linguistic turn over information, a philosophical excursus through a critical-philological reading about the name information. The prefixal variation of signification (in-) is analyzed as well as their directions - giving and depriving the form. The platonic idea is rediscussed from critical-philological look. At the end, points to an infancy of information indicative of a possible experience disconnected from mentalism and technicalities that unfold in society multiply labeled as informational.

Keywords: *Information; Pragmatism; Critical-philological; Infancy information.*

Recebido em 10.04.2014 Aceito em 26.02.2015

1 A partilha temático-discursiva

Tudo, pois, que rasteja, partilha da terra.

Heráclito, Fragmento 11(1980, p. 51).

Inicialmente, como consta no título do texto, a “crítica-filológica” é um método hermenêutico anunciado e descrito por Agamben (2008) no capítulo “Programa para uma revista” em seu livro “Infância e história”; nesses termos interpretativos (*fabulari ex re*), buscaremos exemplificar nossa leitura da informação. Alguns esforços vêm sendo feitos na direção de uma reflexão crítica acerca da informação. Boa parte desses estudos debruça-se sobre o fenômeno da informação durante o século XX e XXI e o que convencionalmente se outorgou chamar, a partir de sua característica info-imperativa, de sociedade da informação. Alguns estudos também apontam digressões históricas do conceito, de suas influências e agenciamentos metafísicos, sociais, políticos, epistemológicos para a análise da configuração societal que surge nesses dois últimos séculos. Perante o contexto argumentativo e discursivo partilhado pelo texto, um grupo de pesquisadores é identificado como interlocutores desta leitura: Ronald Day com as “idades da informação”, Miguel Rendón Rojas e os “paradigmas bibliotecológicos”, Rafael Capurro e a hermenêutica da informação (angelética), Maria Nélide González de Gómez e a “epistemologia política da informação”, Regina Marteleto e a “antropologia da informação” e Gustavo Saldanha com a cadeia mimética da informação e suas transgramáticas. Todos esses pesquisadores partilham a perspectiva da virada pragmático-linguística da informação. Diante do reduzido espaço textual e da minúcia de cada reflexão, selecionou-se para contextualização da discussão, Ronald Day, Miguel Rendón Rojas e Rafael Capurro, pois apresentam uma análise panorâmica dos estudos da informação.

Ronald Day (2001) em seu livro *The modern invention of information* apresenta a informação enquanto conceito urdido no seio discursivo da modernidade; enquanto ente do pensamento que calcula¹, atravessado pelas “gramáticas especulativas” da linguagem científica moderna e pelo atributo de equivalência da economia-política liberal². Influenciado por Martin Heidegger e Walter Benjamin, filósofos, leitores e

¹ “O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita, não é um pensamento que reflete sobre o sentido que reina em tudo o que existe.” (HEIDEGGER, 2001, p. 13)

² “The history of information is a privileged site for understanding the intersection of language and political economy in modernity” (DAY, 2001, p. 2).

críticos veementes da modernidade, Day (2001) procura demarcar a sua discussão da informação na ambiência questionadora heideggeriana da metafísica – informação enquanto ente, e na crítica marxiana desenvolvida por Benjamin – a informação enquanto algo reificado e economicamente valioso diante da efemeridade e imediaticidade de sua constante atualização. Para tal projeto Day divide seu livro em “três idades” da informação, que estariam dissolvidas na “era da informação” (*information age*): a primeira, a Documentação Europeia (antes e depois das Guerras), a segunda, a teoria da informação e a cibernética (depois da segunda Guerra) e a terceira, a atual idade “virtual” (DAY, 2001, p. 2). Deste modo, Day circunscreve a história da informação narrada em seu livro a partir do século XX. Diferente de Saldanha (2012), Day não aborda dentro da “primeira idade da informação” o Paul Otlet em seu projeto simbólico-bibliológico originário circunscrito no século XIX, mas a retórica discursiva dos documentalistas europeus fundada na concepção científico-profissional da técnica.

Em seu clássico artigo *Hacia un nuevo paradigma en Bibliotecología*, Miguel Rendón Rojas (1996) delimita sua discussão teórica da informação temporalmente no século XX. Com interlocutores distintos de Ronald Day, pontualmente nesse texto³, Rendón Rojas descreve três teorias da informação, todas nascidas no espaço-temporal do século XX e ainda em cena no século XXI. São elas: a teoria sintática da informação, a teoria semântica da informação e a teoria pragmática da informação (RENDÓN ROJAS, 1996, p. 19). A teoria sintática da informação é também conhecida como teoria matemática da informação. Desenvolvida por Shannon e Weaver (1975), a informação sintática é um conceito quantitativo desvinculado de todo conteúdo semântico, independente de todo significado. A informação sintática compõe o esquema mecanicista da comunicação (RENDÓN ROJAS, 1996, p. 20-22). A teoria semântica da informação foi desenvolvida por Bar-Hillel e Carnap (1953), sendo baseada em lógica proposicional, onde a “quantidade de informação flutua entre 0 e 1 [...] certos teoremas em sua essência convergem com a teoria matemática da informação e com princípios da lógica formal clássica” (RENDÓN ROJAS, 1996, p. 24). Ou seja, tanto a teoria sintática quanto a teoria semântica da informação estão absorvidas pelas questões metafísicas do pensamento que calcula (*esse=percipi*). Ainda que se reconheça o ser, pois está se falando de linguagem, a dominação é do ente que subjuga tudo à sua representação. A terceira teoria apresentada nasce com a virada pragmática da informação. Nesta teorização são inseridas perspectivas de análise contextuais (“contexto social-histórico-cultural”), a práxis construtiva do sujeito é reconhecida como forma de ação no mundo e a linguagem, central neste processo da guinada linguística da informação, é o “entre” que conecta os sujeitos aos objetos do mundo informacional (RENDÓN ROJAS, 1996, p. 27). A teoria pragmática da informação oferece um contraponto às teorias técnicas da

³ A perspectiva marxiana está manifesta na primeira nota de rodapé do texto, mas não faz parte do foco do trabalho. A abordagem heideggeriana e o enfoque crítico marxiano aparecem em outros textos do autor, em especial nas Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología. (RENDÓN ROJAS, 2005)

informação, um re-pensar da informação em sua faticidade histórica, absorvida pelos jogos de linguagens ordinários e mergulhada nas tensões apropriativas entre o privado e o público que circundam a sociedade capitalista. Enfim, a teoria pragmática da informação busca re-humanizar a informação em suas redes de agenciamentos linguísticos.

Rafael Capurro, ao menos em três estudos, regressa à teoria hermenêutica da angelética (CAPURRO, 2010) para o questionar da informação (CAPURRO 1992; 2007; 2008). Especialmente no texto de 1992, *What is information science for? A philosophical reflection*, Capurro tece críticas aos paradigmas substancialistas da informação: o paradigma da representação, o paradigma fonte-canal-receptor e o paradigma platônico; a informação enquanto substância compartilha do esquecimento do ser, pois deixa de considerar a dimensão pragmática da existência humana. A virada pragmática da informação, defendida por Capurro, reconfigura a Ciência da Informação (CI) através de uma reinterpretção de seu estatuto ontológico e epistemológico. A CI passa a ser pensada enquanto um campo hermenêutico-retórico de raízes greco-latinas (CAPURRO, 1992; SALDANHA, 2012). Capurro resgata o étimo da palavra informação não só no escrito de 1992, mas também em: *On the genealogy of information* (1996), *The Concept of information* (2007) e *Pasado, presente y futuro de la noción de información* (2008). A digressão etimológica coloca em perspectiva o sentido da palavra. Esse agir etimológico está ligado à força de significação que ressoa do étimo (*etymos*), em sua dobra: uso e sentido⁴.

Portanto, a pretensão de validade desse escrito constrói-se contextualmente nas sendas da virada pragmático-linguística da informação. Assemelhado em sua tematização histórica aos estudos de Capurro e Saldanha, mas com propósito distinto, essas notas estão direcionadas à reconstrução racional dos estudos clássicos propiciada pela hermenêutica e a pragmática. A descrição de três perspectivas modernas da informação não é em vão, pois é através dessas leituras que nos envolvemos no esforço de ser contemporâneo⁵.

Agregados aos já citados interlocutores da CI emaranham-se nesse encontro filósofos como Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein, Walter Benjamin, Giorgio Agamben. A demarcada diferença do programa desse estudo situa-se na abordagem ontológica e poético-filosófica da informação, enquanto “dar a forma” e “privar-se da forma”. A informação é

⁴ “O alemão *sinnan*, *sinnen*, pensar o sentido, diz encaminhar na direção que uma causa já tomou por si mesma. [...] significa mais do que simples consciência de alguma coisa. Ainda não pensamos o sentido quando estamos apenas na consciência. Pensar o sentido é muito mais. É a serenidade em face do que é digno de ser questionado. [...] No pensamento do sentido, encaminhamo-nos para um lugar onde se abre, então, o espaço que atravessa e percorre tudo que fazemos ou deixamos de fazer.” (HEIDEGGER, 2010, p. 58).

⁵ “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. [...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...] contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. [...] quem não se deixa cegar pelas luzes do século. [...] significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar.” (AGAMBEN, 2009, p. 55-76).

lançada na radicalidade do pensamento, posta no limiar in-fantil de ultrapassagem da metafísica, ambiência do “ser-assim”⁶ onde se propõe pensar, aos termos de Rendón Rojas (2005, p. 76), o “ser informacional”.

2 A privação copulativa do informar

Alguns escritos eram lidos da direita para a esquerda (hebreu e árabe), outros em colunas, de cima para baixo (chinês e japonês); uns poucos eram lidos em pares de colunas verticais (maia); alguns tinham linhas alternadas lidas em direções opostas, de um lado para o outro – método chamado *boustrophedon*, “como um boi dá voltas para arar”, na Grécia Antiga. Outras ainda serpenteavam pela página, como um jogo de trilha, sendo a direção indicada por linhas ou pontos (asteca).

Alberto Manguel, *Uma história da leitura* (1997, p. 64).

Alberto Manguel (1997) descreve algumas formas típicas de ler diretamente relacionadas aos modos de escrever. O escopo desse tópico é “desler” o étimo da palavra informação, isto é, fazer uma leitura outra. Informação é uma palavra nascida no latim (*informatio*), contudo, como muitas palavras do latim, ela é uma ressonância expressiva de palavras gregas como, *idea, eidos, morphé, typos*. (CAPURRO, 1992; 1996; 2007; 2008) Deste modo, das maneiras de ler descritas por Manguel, o *boustrophedon* é o que mais nos aproximaria dos gregos. Ler “de um lado para o outro”, entre “linhas alternadas” e “em direções opostas”, em meio ao caos e o cosmo, como bois na fertilização do chão, quando da suspensão dos *lirium* (lira: sulco do arado) e o descansar do solo para a próxima sementeira ou no trabalho efetivo do arar. Esse modo de ler lembra o caminho indicado por Heráclito no fragmento 59: “O caminho dos pintores, reto e curvo.”⁷ (HERÁCLITO, 1980, p. 89).

Recolhidos entre a *hybris* (desmedida) e a *diké* (acordo/harmonia) da linguagem grega, distantes da semântica moderna (*adequatio*), nos dirigimos para o lugar onde se abre o sentido da palavra, do aceno de uma lembrança, do significado indestrutível que o nome designa. Capurro (2008, p. 5-6) cita John Austin⁸, filósofo da linguagem e teórico dos atos de fala, para argumentar sobre a persistência do sentido originário da palavra; no entanto, é na teoria do significado de Wittgenstein que se encontra a validação da nossa procura.

⁶ “O ser-assim não é contingente: é necessariamente contingente. Também não é necessário: é contingentemente necessário.” (AGAMBEN, 1993, p. 86).

⁷ Retos, pois o sulco do arado são quase sempre retos e lineares, observe, por exemplo, as plantações de laranja como estão geometricamente dispostas diante da retitude da sementeira. Curvos, pois a fertilização do solo é sempre desmedida (*hybris*).

⁸ “[Una] palabra nunca – bueno, casi nunca – se libera de su etimología y su formación. A pesar de todos los cambios en las extensiones y añadidos a sus significados y en realidad más bien penetrándolos y gobernándolos, persiste siempre la vieja idea [...]. Retrocediendo en la historia de una palabra, a menudo al latín, volvemos comunmente a imágenes o modelos de cómo las cosas suceden o son hechas.” (AUSTIN, 1990 *apud* CAPURRO, 2008, p. 5-6)

'Tem que ser indestrutível o que os nomes da linguagem designam: pois deve-se poder descrever o estado no qual é destruído tudo o que é destrutível. E nesta descrição haverá palavras; e o que lhes corresponde não pode ser destruído, caso contrário as palavras não teriam significado algum.' Não posso serrar o galho sobre o qual estou sentado.

Com efeito, poder-se-ia objetar de imediato que a descrição mesma tem que excetar-se da destruição. – Mas o que corresponde às palavras da descrição e, portanto, não pode ser destruído, se ela for verdadeira, é o que dá às palavras o seu significado – sem o que elas não teriam significado algum. – Mas este homem de fato é, em certo sentido, o que corresponde ao seu nome. Mas é destrutível; e seu nome não perde o significado quando o portador é destruído. – O que corresponde ao nome, e sem o que ele não teria significado algum, é, por exemplo, um paradigma que é usado no jogo de linguagem em ligação com o nome. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 46).

Como aconselhado por Wittgenstein, “não posso serrar o galho sobre o qual estou sentado”⁹. A palavra informação advém do latim *informatio*, expressando tanto o *informo* (*ar, are, avi, atum*) – dar a forma – quanto o *informis* (*e*) – privação de forma. Capurro (2007; 2008) anuncia os dois sentidos da palavra, mas opta por rarear o segundo em detrimento do primeiro, legando ao *informis* apenas a menção: “*El prefijo in tiene, en este caso, el sentido de acentuar la acción pudiendo significar también negación como en el caso de informis, es decir 'sin forma'.*” (CAPURRO, 2008, p. 6) A opção pelo não presseguimento do sentido do *informis* fica clara no artigo em colaboração com Hjørland, quando diz, “O prefixo *in* pode ter o significado de negação como em *informis* ou *informitas*, mas, em nosso caso, ele fortalece o ato de dar a forma a alguma coisa [...]” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 156, grifo nosso). A atitude discricionária dos autores deixa uma lacuna no sentido paradigmático da palavra¹⁰.

A palavra informação assinala para uma dupla direção: a privação da forma, que significa palavras como *informis* (*e*), *informitas*, *informiter*, *informabilis*, e a doação da forma, como em *informo*, *informas*, *informare*, *informavi*, *informatum*, *informator*. Os dois caminhos indicados pela palavra são gerados pelo prefixo latino *in-*, pois esse é uma das apropriações do latim para ao menos dois prefixos gregos, *en-* e *a-*.

Na linha de argumentação já clássica, informação enquanto *dar a forma*, o prefixo *in-* está atuando no âmbito de significação do prefixo grego *en-*. No solo dialógico da linguística com a CI, Marcos Gonzalez

⁹ De modo sintético e em comunhão com a declaração de Wittgenstein, diz Agamben (1993, p. 85): “O ser- assim de cada coisa é [...] incorruptível.”

¹⁰ A opção escolhida por Capurro, talvez indique seu interesse em: a) não negar o ordinário da linguagem, b) afirmar uma episteme para o conceito, c) aproximar “informar” de “conhecer”. O que intentamos é aliar essa perspectiva com a outra margem de significação possível ao étimo informar.

(2011), seguindo a acepção tradicional demarcada pela extensa referenciação de dicionários e dicionaristas, demarca a luta de legitimação entre o vocábulo *informação* e *enformação*. Sua condução argumentativa gira em torno do embate morfossemântico no português arcaico entre a instauração do *in-* ou do *en-* ao radical forma¹¹, chamando atenção para a primazia do *en-*, “o étimo ‘enformar’ é mais antigo do que o de ‘informar’”. Afinal, o prefixo no latim *in-*, que exprime ‘em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação’, é de uma raiz no indo-europeu *en ‘no interior; em’.” (GONZALEZ, 2011, p. 1907). Ou seja, a luta narrada por Gonzalez está demarcada nos limites da concessão da forma – ou da fôrma, e não de sua privação.

A outra vereda de argumentação anunciada por Capurro, mas velada logo em seguida em detrimento da adoção do sentido clássico, é a da informação enquanto privação da forma¹². O prefixo privativo grego $\alpha-$, também conhecido como alfa privativo, marca a experiência de sentido do prefixo latino *in-*, visto que os prefixos latinos *in-*, *des-*¹³, *de-* correspondem aos prefixos gregos *a-* e *an-* (BECHARA, 2009, p. 369). Desse modo, a relação privativa que dispõe a palavra *in-formatio* no latim é similar à da palavra grega *a-letheia*. Sobre o alfa privativo ($\alpha-$) diz Heidegger (2010, p. 229), “esse é o sentido do alfa (α) que compõe a palavra grega *aletheia* e que somente recebeu a designação de alfa privativo na gramática elaborada pelo pensamento grego tardio.” Contudo, esse alfa privativo, tanto da *informatio* quanto da *aletheia*, não assinala para uma negação da abertura do ser; concluir de tal maneira seria precipitar-se sobre o fundamento da metafísica, isto é, seria uma “submissão peculiarmente limitada ao próprio ente”¹⁴ (HEIDEGGER, 1973, p. 234), uma eliminação das possibilidades de alcance da própria negação, uma expulsão do escuro contemporâneo em face da cegueira provocada pelas luzes do século. Ao contrário, o alfa privativo atribui alguma coisa àquilo que entrou no âmbito da sua negação: uma recusa, uma renúncia, um suspender-se, enfim, um velar-se. A privação aponta para uma escuta, para um “já não... a cada vez”, para o é que a cada vez é outro. Emmanuel Carneiro Leão analisando a função do alfa privativo na palavra grega *a-mnemein* ($\alpha\mu\eta\mu\omicron\upsilon\epsilon\iota\nu$) assinala:

O alfa privativo é a força de resistência de libertação, de desprendimento dentro de um processo de prender e construir. O alfa privativo supõe a união, a afirmação, a

¹¹ Gonzalez (2011) chega à conclusão de que informar significaria “dar a forma” enquanto o étimo de enformar seria o de “ajustar à fôrma”, como uma fôrma de bolo ou de queijo. Aos nossos olhos, pensamos que fôrma e forma caminham para a mesma concepção filosófica: ideia, eidos; especialmente se pensarmos nos usos ordinários da linguagem e no sentido mimético de aparência que guardam essas duas palavras gregas. Sobre usos ordinários que declinaram em vocábulos filosóficos na antiguidade grega, vide a relação entre *logos* e *colheita* no livro, *Heráclito* de Heidegger (1998).

¹² *Informis* (e): sem forma, informe, feio, tosco; *informitas*: falta de forma; *informiter*: sem forma; *informabilis*: que não recebe forma.

¹³ Evanildo Bechara (2009, p. 369) argumenta que o prefixo *in-* é literário e erudito, ao contrário de *des-* que guarda uma conotação popular.

¹⁴ Três dimensões da metafísica desdobrada na existência científica do ente: “Aquilo para onde se dirige a referência ao mundo é o próprio ente – e nada mais. Aquilo de onde todo o comportamento recebe sua orientação é o próprio ente – e além dele nada. Aquilo com que a discussão investigadora acontece na irrupção é o próprio ente – e além dele nada.” (HEIDEGGER, 1973, p. 234)

construção, o prender e mostra que pertence a todo prender a conservação e a transformação das forças e das tensões de desprender, de desconstruir. É esta experiência de desprender, de desfazer, que Platão usa no texto [O Sofista] articulada com a partícula negativa 'não': 'ele não esqueceu' significa 'ele apreendeu, sendo que este apreender se faz mergulhado na pluralidade de uma experiência [...] (LEÃO, 2010, p. 216-217).

Perante nosso método interpretativo de leitura (*boustrophedon*) e através dos olhos de Barbara Cassin (2005, p. 17), não se trata de falar do ente, mas, antes, "tratar do não-ente; é o que não é que está em vias de brotar"¹⁵. Com essas composições que ecoam podemos retornar ao prefixo grego alfa (α -) para dizer que o prefixo latino *in-* é o seu autêntico correspondente em sentido. O alfa assim como o *in-* possuem a ambiguidade constitutiva da doação e da privação¹⁶, pois o prefixo alfa (α -) no grego não é apenas privativo, mas também copulativo (*symplektikoí*, "que entrelaça"). Dirá Carneiro Leão a respeito dessas margens copulativas e privativas do alfa: "A experiência é, então, reduplicada, intensificada pela dificuldade que ela provoca, pelas tensões que ela faz aparecer [...] O alfa copulativo realiza uma união, uma intensificação do verbo por acréscimo, fala de um conjunto." (LEÃO, 2010, p. 216).

Portanto, o verbo informar em meio aos redemoinhos de sua significação é com-posição poética¹⁷ de uma privação copulativa da forma. Cabe agora tratar¹⁸ da questão filosófica da forma tendo diante de nós o seu *phármakon*, privativo e copulativo, que remedia e envenena. Essa é uma tentativa de terapia da linguagem, em especial para essa palavra – forma – tão adoentada pelo dogmatismo metafísico.

3 Forma – idea: doação de ser

Forma ou *formae* são as palavras utilizadas por Cícero como tradução latina para as palavras gregas do vocabulário de Platão, *idea* ($\iota\delta\epsilon\alpha$) / *eidōs* ($\epsilon\iota\delta\omicron\varsigma$) e do vocabulário de Aristóteles, *ousía* ($\omicron\upsilon\varsigma\iota\alpha$). O pensamento metafísico legou a essas palavras a supremacia do ente, em seu elogio ao esquecimento do ser. Diante desse pensamento enfermo, que não dorme, carregado de falatório e pouca auscultação, a *ideia* foi

¹⁵ Tal conclusão projeta luzes sobre alguns conceitos a-se-pensar em outro momento, como o caos – em seu sentido grego ($\kappa\omicron\sigma\mu\omicron\varsigma$) diferente do negro caos, o não-ser e o nada – em específico, a experiência heideggeriana e a agambeniana. Por exemplo, caos ($\kappa\omicron\sigma\mu\omicron\varsigma$) em seu sentido grego, tem o mesmo radical de $\kappa\omicron\sigma\mu\omicron\varsigma$, um manter-se continuamente abrindo-se, ou seja, nas palavras de Carneiro Leão (2010, p. 37), "O $\kappa\omicron\sigma\mu\omicron\varsigma$ é sobretudo o princípio da possibilidade de tudo."

¹⁶ Em comunhão a tal ideia o fragmento 16 de Heráclito, apesar de obscuro é esclarecedor: "Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita?" (HERÁCLITO, 1980, p. 55) Isto é, como o ser poderia manter-se privado em face do que sempre se doa?

¹⁷ Com-posição (*Gestell*) é um conceito a ser desenvolvido. Contudo, neste primeiro momento, a com-posição é a força de reunião ("agir") que atravessa, no sentido de travessia, a *poiésis* ($\rho\omicron\iota\epsilon\iota\varsigma$) do não-ser ao ser.

¹⁸ "O filósofo trata uma questão como uma doença". (WITTGENSTEIN, 2008, p. 126)

concebida na tradição como uma doutrina ou uma teoria – doutrina ou teoria das ideias. Contudo, essa é uma corrupção do sentido que Platão nos enviou, e esta é a tarefa árdua do pensamento, fazer a terapia da linguagem contida nos manuais¹⁹.

A ideia não diz nem conceito enquanto conteúdo de significação, nem noção, no sentido de essência de articulação, nem representação, como uma imagem de substituição, nem modelo, no sentido de um paradigma de orientação; é antes, “o nada criativo de tudo isso.” (LEÃO, 2010, p. 206). “A ἰδέα é doação de ser” (LEÃO, 2010, p. 205). Carneiro Leão argumenta na direção de um olhar da *idea/forma* assinalado com a análise da prefixação da palavra *informatio* e a “dialética” entre doação e privação.

A ἰδέα abre espaço para a verdade [*aletheia*] e dá lugar à liberdade do **nada criativo**, τὸ μη ὄν, o nada de ser e não ser de tudo que, de alguma maneira, está vindo a ser. [...] Reside [a *Idea*] na possibilidade de ser e não de tudo que é e está sendo, de tudo ‘que está vindo a ser e/ou deixando de ser’. Platão nos faz sentir que somos a experiência radical de que toda recepção recebe e todo empenho se empenha na liberdade da *IDEA* pela verdade da ἰδέα de ser e não ser tudo que se tem e/ou não se tem, tudo que se devém e/ou não se devém. A ἰδέα é, pois, οὐσία, o ser que se vê e se vê na claridade do Eidos de todas as visões²⁰ (τῶν ἰδεῶν). (LEÃO, 2010, p. 205-206, grifo do autor).

No vocábulo latino *forma* repousa a significação de *idea* e *ousía*. Abandonada à tormenta fundamental do existir²¹ (*einai*) sem fundamento²², “a ideia, isto é, totalidade das possibilidades” (AGAMBEN, 1993, p. 53) – ser, não-ser, vir-a-ser – *potius*: poder não não-ser²³. A *idea* a-presenta-se como,

¹⁹ “A dificuldade está na linguagem. Nossas línguas ocidentais são de maneiras sempre diversas línguas do pensamento metafísico. Fica aberta a questão se a essência das línguas ocidentais é em si puramente metafísica e, por conseguinte, em definitivo caracterizada pela onto-teo-lógica, ou se estas línguas garantem outras possibilidades de dizer e isto significa ao mesmo tempo possibilidades do não-dizer que diz.” (HEIDEGGER, 1973, p. 400).

²⁰ Sobre o *eidos* de todas as visões, diz Platão no *Fedro* (2000, 247c, p. 61) acerca da “região supra-celeste” da verdade. “É nesse lugar que as almas experimentam a alegria suprema, pois as almas a que chamamos imortais, uma vez que atingiram o zênite, são tomadas de um movimento circular e podem contemplar as realidades que se encontram sob a abóbada celeste.”

²¹ “O ser [...] é o existente [...] O existente, abandonado no meio do ser, é perfeitamente exposto.” (AGAMBEN, 1993, p. 81).

²² O fundamento (*grund*) do existir é um jogar-se no ser, um salto no abismo, no sem-fundamento (*ab-grund*). “Fundamento e Ser (‘são’) o mesmo, não o igual, o que já indica a diversidade dos nomes ‘ser’ e ‘fundamento’. Ser ‘é’ essencialmente: fundamento. Assim, o ser nunca pode primeiro ter um fundamento que o fundamente. O fundamento fica, desta maneira, afastado do ser. O fundamento fica ausente do ser. No sentido de uma tal ausência de fundamento do ser, o ser ‘é’ sem-fundamento (*ab-grund*), abismo. Na medida em que o ser enquanto tal é fundamento em si mesmo, permanece ele mesmo sem-fundamento.” (HEIDEGGER, 2009, p. 45).

²³ “No princípio da razão, *Ratio est cur aliquid existit potius quam nihil* (Há uma razão que faz com que algo seja em vez do nada), o essencial não é *que algo seja* (o ser) nem que *algo não seja* (o nada), mas que algo seja e não o nada. Por isso, ele não pode ser lido como uma oposição entre dois termos: *é/não é*, mas contém um terceiro termo: o *potius* (de *potis*, que pode), o poder não não-ser. (O espantoso não é que algo tenha podido ser, mas que tenha podido não não-ser.)” (AGAMBEN, 1993, p. 85).

[...] o ser-tal de cada coisa [...] É como se a **forma**, a cognoscibilidade, os traços de cada ente se destacassem dele, não como uma outra coisa, mas como uma *intentio*, um anjo, **uma imagem**. [...] A existência da ideia é, assim, uma existência paradigmática: o fato de cada coisa se mostrar ao lado de si própria. [...] mostrar-se ao lado é [...] a indeterminação de um limite.”²⁴ (AGAMBEN, 1993, p. 81, grifo nosso).

Giorgio Agamben assim como Carneiro Leão experienciam (*Erfahrung*) a “ideia de ιδεα ” no abismo (*ab-grund*) do existir, e não o contrário. O acontecimento da “ideia de ιδεα ” só acomete o humano enquanto ser-no-mundo. Em torno da interpenetração entre privação e doação, presença e ausência da ιδεα no existir, Agamben anuncia que o “ser-tal-qual” onde se experiencia a *Idea* é a exposição. Primeiro é preciso esclarecer o “tal-qual” da expressão. “O *tal* não pressupõe o *qual*: expõe-o, é o seu ter-lugar. (Só neste sentido é que se pode dizer que a essência jaz – *liegt* – na existência)”, e copulam na relação inversa, “O *qual* não supõe o *tal*: é a sua exposição [...] (Só neste sentido é que se pode dizer que a essência envolve – *involvit* – a existência.) (AGAMBEN, 1993, p. 79). E o que seria a exposição, diante da demasiada centralidade para o ser? No vocabulário heideggeriano seria o “ser dos entes” que assinala a ultrapassagem da metafísica através da linguagem; o mesmo é para Agamben (1993, p. 78), “a exposição é a pura relação com a linguagem, com o seu ter-lugar. [...] A existência como exposição é o ser-*tal* de um *qual*.”

O homem é o ser que, confrontando-se com as coisas, e unicamente neste confronto, se abre ao não-coisal. E inversamente: aquele que, sendo aberto ao não-coisal, está, unicamente por isso, irreparavelmente entregue às coisas.

Não-coisalidade (espiritualidade) significa: perder-se nas coisas, perder-se até não poder conceber mais nada senão coisas. E só então, na experiência da irremediável coisalidade do mundo, chocar com um limite, tocá-lo. (Este é o sentido da palavra: exposição.) (AGAMBEN, 1993, p. 84).

Tendo estabelecido o que foi dito sobre a *forma – idea*, em um movimento curvo identitário do método de ler (*boustrophedon*) retornamos ao étimo da palavra forma. Forma é uma palavra de origem obscura e de difícil precisão. Contudo, seguindo a direção argumentativa

²⁴ Paradigma vem do grego *paradeigma*, “padrão, exemplo, modelo”, derivado de *paradeiknynai*, “mostrar, representar”, de modo literal, “mostrar lado a lado”, formado por para-, “ao lado”, e *deiknynai*, “mostrar, apresentar”. Mediante o “exemplo”, *para-deigma* é o que se mostra ao lado, como o alemão *Bei-spiel*, o que joga ao lado, ou seja, a linguagem. “O ser exemplo é o ser puramente linguístico” (AGAMBEN, 1993, p. 16).

do texto assumiremos uma das possibilidades de origem da palavra *forma* que no latim atende pelo radical **for*, isto é, falar.

O próprio verbo **for* caiu em desuso desde a época histórica; não é muito empregado, a não ser na poesia, no sentido de “falar”. Mas ele gerou muitos derivados antigos: *facundus* “eloquente, de palavra fácil”, *fabula* “conversa, peça dialogada, fábula, lenda”, e por fim *fama* “renome”, sobretudo no bom sentido, *famosus* “que tem bom renome” e seu contrário *infamis* “que não tem bom renome, de mau renome”. [...] Essa raiz inexistente totalmente em indo-iraniano. Restringe-se à parte central do domínio indo-europeu: além do latim e do grego, o armênio o comprova em *bay* “palavra”, que se funda em **bati-*, correspondendo exatamente ao grego *phátis*, *ban* “palavra coisa”, e no inciso *bay* “diz ele”. Ela se encontra parcialmente em germânico, inglês antigo *bōian* “se gabar”; por fim, também parcialmente em eslavo *baju*, *bajati* “contar, pronunciar sortilégios”, e depois, com uma sufixação mais complexa, *baliji* “médico, feiticeiro” (BENVENISTE, 1995, p. 138).

O radical **for* deriva da raiz indo-europeia **bha-* (falar). No latim o radical **for* foi também apropriado da raiz indo-europeia **dhe*, diretamente ligada com **bha-*, por exemplo, com a palavra *fas* – direito divino. No grego, o direito divino é nomeado pela palavra *thémis*. *Thémis* na mitologia grega é uma das esposas de Zeus e deusa da lei sagrada, do direito divino. *Thémis* é um nome derivado de **dhe*. A raiz **dhe* dá origem a uma pluralidade de significados, todavia o “indestrutível”, o “incorruptível” da raiz é “pôr”, como esclarece Émile Benveniste (1995, p. 103): “A formação de *dhāman* [sânscrito] é simétrica à de *dharman* [estatuto, costume, regra, uso], mas deriva de *dhā-* ‘pôr’, indo-europeu **dhe* ‘pôr, colocar, estabelecer’, raiz que em latim *facio* e em grego *títhemi*. Cabe notar que o sentido de **dhe-* é: pôr de maneira criativa, estabelecer na existência, e não simplesmente colocar um objeto no chão.” Da raiz **dhe* é possível que também venha a palavra *deus*, como na variação do armênio *dik* (deus) e no radical grego *thes-* e suas composições, por exemplo, *thespésios* “maravilhoso” (BENVENISTE, 1995, p. 136). Portanto, articulando os significados das raízes **bha-* e **dhe* é possível avançar e dizer que em **for*, particularmente na palavra *for-ma* a partir do que já foi dito acerca dela, falar é pôr em existência, ou, dar existência, ou seja, doação de ser. Heidegger (1973, p. 453-470) na conferência “Tempo e Ser”, com frequência manifestava que o ser “é” aquilo que se apresenta, isto é, ser “é” *presenti-ficar*. Este *-ficar* vem do latim *facere*, *facio* (**dhe* ‘pôr, colocar, estabelecer’, raiz que em latim

facio), significa dar, pôr, alcançar. Presenti-*ficar* é uma doação de ser (*einai*) em seu sentido de existir²⁵.

Por fim e para chegar ao entremeio (*intermezzo*) pretendido de uma in-fância do in-formar, usamos do questionar de Benveniste sobre a "fala" e a "palavra" para nos acomodarmos no leito da escuta da relação: "O que significa, aqui, 'falar'? De que maneira se determina essa noção entre todas as outras expressões da 'palavra'?" (BENVENISTE, 1995, p. 139). Então, Benveniste diz que existe uma forma latina importante sobre essa relação fala-palavra, o particípio presente *infans*, isto é, in-fância, a criança em tenra idade que não fala. Para esclarecimento, Benveniste cita Varrão (116-27 a.C.), filósofo latino propagador da filosofia grega e primeiro a fazer referência à *informatio* (CAPURRO; HJORLAND, 2007; GONZÁLEZ, 2011). "Fala (*fatur*) um homem que, pela primeira vez, emite uma palavra dotada de sentido. É por isso que as crianças, antes que possam fazê-lo, se chamam *infantes*; mas, quando o fazem, diz-se que eles já falam (*iam fari*)" (VARRÃO, 1990 *apud* BENVENISTE, 1995, p. 139).

A infância do informar é o encontro com o mesmo, com a sua própria fala, no limiar da sua experiência, com a privação (*in-formar*) da sua fala (*in-fância*), espaço do "ser-na-linguagem-do-não-linguístico [...] a existência da linguagem é o *sim* dito ao mundo para que ele esteja suspenso sobre o nada da linguagem" (AGAMBEN, 1993, p. 85), isto é, a sua infância (*experimentum linguae*). Benveniste (1995, p. 140) apresenta a palavra grega *pheme* "palavra oracular" correspondente ao latim **for*, como indicação do manifestar de uma palavra divina (miraculosa), "sempre por ser impessoal, por exprimir algo confuso, misterioso, como é misteriosa na boca de uma criança a chegada de suas primeiras palavras."

Aquilo que Wittgenstein, no final do *Tractatus*, põe como limite 'místico' da linguagem não é uma realidade psíquica situada aquém ou além da linguagem, nas névoas de uma suposta 'experiência mística', mas é a própria origem transcendental da linguagem, é simplesmente infância do homem. O inefável é, na realidade, infância. A experiência é o *mysterion* que todo homem institui pelo fato de ter uma infância. Este mistério não é um juramento de silêncio e de inefabilidade mística; é, ao contrário, o voto que empenha o homem com a palavra e a verdade. [...] infância, verdade e linguagem limitam-se e constituem-se um ao outro em uma relação original e histórico-transcendental.²⁶ (AGAMBEN, 2008, p. 63).

²⁵ Na conferência *Tempo e Ser* (1973), Heidegger faz algumas excursões sobre o sentido de "dar"; seria preciso uma maior dedicação, em outro momento, a esse texto e ao pensamento do "dar", que comunga sua ação com a forma.

²⁶ "E agora descreverei a experiência de maravilhar-se com a existência do mundo dizendo: é a experiência de ver o mundo como um milagre. Neste momento sou tentado a dizer que a expressão justa na língua para o milagre da existência do mundo, mesmo não sendo nenhuma proposição na língua, é a existência da própria linguagem." (WITTGENSTEIN, 2013).
Heráclito, Fragmento 119: "A morada do homem, o extraordinário." (1980, p. 133).

[...] infância e linguagem parecem assim remeter uma à outra em um círculo no qual a infância é a origem da linguagem e a linguagem a origem da infância. [...] a infância coexiste originalmente com a linguagem. (AGAMBEN, 2008, p. 59).

4 A-final

A tarefa desse excurso foi demarcar uma experiência²⁷, ainda que incipiente, do pensar, portanto, da linguagem, tendo como alvo questionador o informar. Essa travessia que corta a informação no moderno é de um árduo trilhar diante da luminosidade causada pelo incessante efetivar-se dos entes, do pôr-se em obra sem suspensão, da cegueira de um dia que não se encerra ameaçando cardar o fio da noite, do extraordinário, do fabuloso, da abertura da linguagem; na pauta da extinção do narrar está uma morte anunciada: Sherazade e o devir-fabulador da noite (BENJAMIN, 1987). Buscando perder-se para no escuro do não-trilhado, da in-fância da in-formação reencontrar-se na mesma floresta contemporânea perante o perigo, porém sob efeito de outros *pharmakons* e na companhia de outros *pharmakos*. Conforme dito por Benveniste, apesar de **for* ter caído em des-uso, foi usada e velada pelos poetas em suas falas; deste modo, em seu limiar e perante a voz de poeta, este excurso assinala para o de-lírio infantil do verbo informar.

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Heráclito, Fragmento 79: "A partir do extraordinário o homem, infantil, como a partir do homem, a criança." (1980, p. 103).

²⁷ Experiência vem do latim *experientia*, "provir-de, ir-atraves de", já ser sempre o que não é ainda. A raiz indo-européia é **per*, a qual se liga a ideia de travessia e, secundariamente, a da prova. Em grego, de onde provém a inspiração latina, os derivados que demarcam a travessia, a passagem são numerosos: *peirô*, atravessar; *pera*, mais-além; *peraô*, passar através; *perainô*, ir até o fim; *peras*, termo, limite. A palavra latina para experiência tem como radical "per" (ex-**per**-iência): sair de um perímetro, sair da condição do já conhecido, do já vivido, para ampliar vivências. De "per", também vem a palavra *periculum*: atravessar uma região, durante uma viagem, onde perigos podem nos assaltar. E, para esses perigos, há a palavra que se associa a *periculum*, que é *oportunos* – originada de *portus*, que quer dizer saída. A palavra experiência tem o "ex" de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o "ex" de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente "ex-iste" de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.

Etimologicamente, para experiência, a palavra que Walter Benjamin usa é *Erfahrung*. O seu radical é "fahren" que significa viajar. No alto-alemão, "fahr" significa atravessar uma região durante uma viagem, pôr-se em lugares desconhecidos, de "fara", palavra de origem similar à *fahr*, deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Portanto, nestas diversas línguas citadas a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros, *O livro das ignoranças* (2010, p. 301).

Referências

- AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artmed, 1990 *apud* CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. *In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORIAS DE LA INFORMACIÓN: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINAR, 1., 2008, León. Anais...* León: Procyto: BITrum, 2008.
- BAR-HILLEL, Y.; CARNAP, R. Semantic information. *The British Journal for the Philosophy of Science*, v. 4, n. 14, p.147-157, 1953.
- BARROS, M. *O livro das ignoranças*. *In: BARROS, Manoel. Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 297-324.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- BENVENISTE, E. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995. v. 2.
- CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. *In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORIAS DE LA INFORMACIÓN: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINAR, 1., 2008, León. Anais...* León: Procyto: BITrum, 2008.
- CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection. *In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. p. 82-96.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./ abr. 2007.

- CAPURRO, R. *¿Qué es la angelética?* 2010. Disponível em: <<http://www.capurro.de/angeletica.html>>. Acesso em: 26 ago. 2013.
- CAPURRO, R. On the genealogy of information. *In: KORNWACHS, K. J. (Ed.) Information: new questions to a multidisciplinary concept.* Berlin: Akademie Verlag, 1996. p. 259-270.
- CASSIN, B. *O efeito sofístico.* São Paulo: ed. 34, 2005.
- DAY, R. *The modern invention of information: discourse, history and power.* Southern Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.
- GONZÁLEZ, M. Informar versus enformar: uma competição morfossemântica com origem no português arcaico. *In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, XV, 2011* Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências.* 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HEIDEGGER, M. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- HEIDEGGER, M. O que é a metafísica? *In: SARTRE, J. P.; HEIDEGGER, M. Os pensadores.* São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973. p. 223-261. (Os pensadores)
- HEIDEGGER, M. *Que é isto – a filosofia?* Identidade e diferença. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. *Serenidade.* Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- HEIDEGGER, M. Tempo e Ser. *In: SARTRE, J. P.; HEIDEGGER, M. Os pensadores.* São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973. p. 453-470. (Os pensadores)
- HERÁCLITO. *Fragmentos.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- LEÃO, E. C. *Filosofia grega: uma introdução.* Teresópolis: Daimon editora, 2010.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza.* 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- RENDÓN ROJAS, M. A. R. Hacia un nuevo paradigma en bibliotecología. *Transinformação, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.*
- RENDÓN ROJAS, M. A. R. *Bases teóricas y filológicas de la bibliotecología.* 2 ed. México: UNAM, 2005.
- SALDANHA, G. *Filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas.* 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. *A teoria matemática da comunicação*. Sao Paulo: DIFEL, 1975.

| VARRÃO. *De lingua latina*. Madrid: Anthropos, 1990. *apud* BENVENISTE, E. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Campinas,

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Conferência sobre ética*. 2013. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/darlei1.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2008.